

## PRESS RELEASE

### **Uma recessão para evitar a estagflação? A economia mundial numa encruzilhada *Barómetro Coface Q2 2022***

**Lisboa, 30 de junho de 2022** - Quatro meses após o início das hostilidades na Ucrânia, há uma série de lições a retirar: o conflito, que está destinado a durar, já perturbou o equilíbrio geoeconómico global. A curto prazo, a guerra está a intensificar as tensões no sistema produtivo, que já tinha sido afetado durante estes dois anos de pandemia, e está a aumentar o risco de uma etapa dura para a economia mundial: enquanto esta última parecia enfrentar a ameaça de estagflação há algumas semanas, a mudança dos bancos centrais, face à aceleração da inflação, trouxe de volta a perspetiva de uma recessão, particularmente nas economias mais desenvolvidas.

Neste ambiente complexo, a Coface reviu em baixa a avaliação de 19 países, incluindo 16 na Europa - Alemanha, Espanha, França e Reino Unido em particular - e fez apenas 2 revisões em alta (Brasil e Angola). Ao nível sectorial, o número de revisões em baixa (76 no total, contra 9 avaliações em alta) destaca a propagação destes sucessivos choques em todos os sectores, tanto os de energia intensiva (petroquímica, metalúrgica, papel, etc.) como os mais diretamente ligados ao ciclo de crédito (construção).

**Como o horizonte continua sombrio, os riscos são naturalmente pessimistas e nenhum cenário pode ser excluído.**

#### **O abrandamento da atividade e o risco de estagflação estão a tornar-se mais claros**

Os números do crescimento do primeiro trimestre ficaram abaixo das expectativas na maioria das economias desenvolvidas. Além disso, o PIB na zona euro cresceu de forma muito ligeira pelo 2º trimestre consecutivo, com um declínio de -0,2% em França. Isto deveu-se a uma queda no consumo das famílias, num cenário de declínio do poder de compra. A atividade também diminuiu nos Estados Unidos, limitada pelo comércio externo e pelas dificuldades sentidas, pelo sector transformador, em repor os seus inventários. Estes números são tão preocupantes como as consequências económicas da guerra na Ucrânia, que começam a aparecer.

Considerando o aumento da inflação, a deterioração das expectativas dos agentes económicos e o agravamento das condições financeiras globais, a atividade no segundo trimestre não apresenta um aspeto muito melhor nas economias desenvolvidas, e consideravelmente menos favorável nas economias emergentes. Embora seja provavelmente demasiado cedo para dizer que a economia global entrou em estagflação, os sinais são consistentes com este ponto de vista.

#### **A pressão sobre os preços das mercadorias está a aumentar**

Embora os preços das mercadorias tenham estabilizado recentemente, permanecem em níveis muito elevados. Por exemplo, os preços do petróleo não desceram abaixo dos 98

USD desde o início da guerra, uma vez que os receios de uma potencial escassez de abastecimento permaneceram significativos.

Este contexto é favorável aos exportadores de mercadorias, mais particularmente aos de petróleo. As duas únicas reavaliações positivas da Coface dizem respeito ao Brasil e a Angola, e as reavaliações sectoriais dizem principalmente respeito ao sector energético dos países produtores, enquanto que as avaliações sectoriais revistas em baixa visam o sector energético nos países onde as empresas estão localizadas a jusante na cadeia de produção (principalmente na Europa).

Do mesmo modo, as indústrias cuja cadeia de valor assenta na utilização intensiva da energia nos seus processos de produção, tais como o papel, químicos e metais, têm os seus riscos revistos em alta. O sector agroalimentar é um dos sectores com maior número de desvalorizações neste trimestre, com quase todas as regiões afetadas.

Finalmente, é provável que as empresas que não tenham repercutido totalmente o aumento dos seus custos de produção nos seus preços de venda, continuem a fazê-lo. Assim, os aumentos de preços continuarão em sectores com um poder de fixação de preços significativo. Este é o caso do sector farmacêutico, onde um pequeno número de empresas domina o mercado global. Já identificado como um dos mais resistentes, é o único sector com avaliações de "baixo risco" no nosso barómetro.

### **Bancos centrais com ambos os pés no travão**

O BCE tem vindo gradualmente a reforçar a sua posição, seguindo o exemplo do Fed e do Banco de Inglaterra, ao ponto de pré-anunciar as suas futuras subidas de taxas. Tal como os outros grandes bancos centrais (exceto o Banco do Japão), o BCE não tem outra escolha, no quadro estrito do seu mandato, senão reforçar significativamente a sua atenção, apesar de isto poder desencadear um abrandamento brutal da atividade e suscitar os receios de uma nova crise de dívidas soberanas europeias.

Neste ambiente de restrição das condições de crédito, o sector da construção parece ser um dos mais vulneráveis. Espera-se que o aumento dos custos de empréstimo afete o mercado da habitação e, em última análise, a atividade de construção. Isto começou nos EUA, onde as vendas de habitação estão a decrescer rapidamente.

### **A tempestade está a formar-se para 2023**

Com o ambiente económico e financeiro a deteriorar-se rapidamente, a Coface baixou a avaliação de 16 países do continente europeu, incluindo todas as grandes economias - com exceção da Itália, já classificada como A4.

O nosso cenário central sugere um abrandamento significativo da atividade durante os próximos 18 meses, permitindo que a inflação desacelere gradualmente. As nossas previsões de crescimento são particularmente frágeis nos países desenvolvidos. Existem muitos riscos para a economia global, enquanto o risco da inflação se mantém. Para conter a inflação, os bancos centrais parecem tentados a empurrar a economia para uma recessão, que esperam ser mais branda do que se os preços continuarem a deslizar, forçando-os a implementar, mais tarde, um choque monetário mais violento. O risco, que não pode ser excluído, será a queda da procura e uma inflação elevada, devido aos preços das matérias-primas, que teriam dificuldade em abrandar devido a uma escassez crónica da oferta.

## CONTACTO MEDIA

### COFACE PORTUGAL

Cláudia Mousinho: +351 211 545 400 – [claudia.mousinho@coface.com](mailto:claudia.mousinho@coface.com)

#### COFACE: FOR TRADE

Com 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação. Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. A Coface ajuda as empresas na tomada de decisões de crédito. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2021, a Coface empregou 4.538 pessoas e registou um volume de negócios de €1.57 bilião de euros.

**Visite [coface.pt](https://www.coface.pt)**

COFACE SA. is listed on Compartment A of Euronext Paris.

ISIN Code: FR0010667147 / Mnemonic: COFA